

A praia está na capa: uma abordagem transnacional de representações de revistas ilustradas dos anos 1920

MARISSA GORBERG*

Introdução

A interação humana com as praias, longe de ser uma inclinação inata ou circunscrita a esquemas ontológicos, tem sofrido alterações ao longo do tempo, imersa em um longo percurso de construção social. Por detrás da aparente naturalidade do hábito consagrado de frequentar a faixa litorânea com objetivos de turismo, esporte e lazer, há um extenso processo de transformação do banho de mar e da estadia nas praias em prática considerada civilizada, atravessada por clivagens de classe, gênero, raça, idade, entre outros marcadores sociais.

Sabemos que, após séculos de temor e distância das praias, o hábito de frequentá-las foi fomentado em Inglaterra no século XVIII em meio a um processo de secularização, recomendado para questões de saúde, como uma extensão do *spa*; a prática se espalhou por França, Bélgica e Holanda e no século XIX alcançou também partes da Alemanha, Escandinávia, o Mediterrâneo, as Américas, até se tornar um fenômeno global (Walton 1983; Corbin 1989).

No início do século XX, houve uma mudança bastante significativa nas razões que levavam os frequentadores à areia e ao mar: “What had started as a movement for better health in England in the 1730 had by the 1930s become

* CPDOC/FGV- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil / Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2382-653>. E-mail: marissagor@gmail.com.

a worldwide phenomenon involving millions of people who sought out the beach not much for therapeutic bathing, but for recreation and leisure” (Ritchie 2021,169). A busca pelo prazer se sobrepôs às motivações higiênicas, descortinando todo um rol de possibilidades inauditas verificadas nos espaços praias.

Nesse sentido, os anos 1920 se afiguraram um período crucial na elaboração e difusão de um imaginário que pavimentou o terreno para a eclosão do turismo de massa nas décadas seguintes, onde as praias figuravam como um de seus principais destinos. Os chamados “*roaring twenties*” despontavam com uma atmosfera de otimismo, efervescência, permissibilidade e a procura por diversão passava paulatinamente à ordem do dia, embalada por uma euforia pós-Guerra e pós-pandemia de gripe espanhola.

A iminente cultura jovem americana passou a disputar espaço com o tradicional arcabouço do “Velho Mundo”, oferecendo possibilidades inauditas, incensadas pelo ritmo do jazz (Drowne & Huber 2004); uma série de novos comportamentos desafiavam antigos preceitos morais provocando fissuras na ordem patriarcal vigente, sugerindo às novas gerações estilos de vida diferentes de seus predecessores. Enquanto o modernismo chacoalhava crenças e padrões nas artes, na literatura, na música, na filosofia e outros campos de expressão, em busca de novos parâmetros culturais, as praias se firmavam como um espaço de experiências originais, paralelamente aos clubes noturnos, às salas de cinema, de teatro, aos salões de arte. Foi nesse panorama que se verificou uma transição acentuada no modo como o litoral era usufruído, com uma série de novas formas de apropriações do espaço público associadas a rituais simbólicos; o lazer praiano se afirmava como uma atividade integrante do repertório moderno.

O objetivo dessa investigação é flagrar discursos transnacionais que participaram da construção social das praias, enunciados nas representações estampadas em capas de revistas ilustradas publicadas na década de 1920 em capitais ocidentais diversas. A partir de uma análise intencional e não-probabilística de exemplares dessa mídia, pretendemos compreender o tratamento dispensado ao espaço praiano na conformação de um imaginário não circunscrito a fronteiras espaciais rígidas, em função de trocas culturais e simbólicas existentes entre a Europa e o continente americano desde o século XVI até a contemporaneidade (Luca 2018).

O ponto de mira transnacional é capaz de evidenciar redes de idéias que ultrapassavam fronteiras geográficas, em função da aceleração da interconectividade que diminuía distâncias e complexificava identidades (Rosenberg 2012), em um mundo onde o notório desdobramento das tecnologias de representação desafiava parâmetros territoriais fixos.

Visando à elaboração de conhecimento acerca de processos sócioespaciais, somos inspirados pela teoria do espaço de Henri Lefebvre; considerando a existência de um conjunto de relações entre o espaço físico e a sociedade que o anima, as praias seriam um produto social, efeito da ação humana sobre a “natureza primitiva”. Lefebvre ressaltou o aspecto mercadológico do espaço especificamente em relação às praias, quando ele próprio — o espaço — se converte em mercadoria de consumo; em virtude do que denominou uma “indústria do ócio”, calcada no tempo livre que sobriariam das horas de trabalho, o sociólogo francês considerava que “el capitalismo se ha amparado de los espacios que quedaban vacantes: el mar, la playa, la alta montaña” (Lefebvre 1974, 221).

Na pesquisa de campo, levantamos exemplares de revistas ilustradas publicadas nos anos 1920 em Brasil, Cuba, Estados Unidos, França, Inglaterra e Portugal, cujas capas possuíam representações ambientadas nas faixas do litoral; respectivamente, incluímos as brasileiras *Revista da Semana* e *Fon-Fon*, as cubanas *Bohemia* e *Social*, as norte-americanas *Vanity Fair*, *Judge*, *Life* e *Vogue*, as francesas *La Vie Parisienne* e *Le Sourire*, as inglesas *The Bystander* e *The Tatler* e as portuguesas *ABC* e *Ilustração Portuguesa*.

O fato de buscarmos empreender uma análise transnacional não significa desconsiderar as realidades diversas dos países onde cada um desses exemplares foi concebido, tampouco negar as peculiaridades de cada veículo em si. As revistas possuíam formatos, periodicidade, preços, design gráfico, tipos de papel e impressão próprios, apenas para enumerar alguns possíveis vetores distintos. Outrossim, encontravam-se imersas em conjunturas econômicas, sociais, políticas e culturais de contextos específicos, cuja análise individualizada extrapolaria os limites desse trabalho.

Não obstante, ao invés de perscrutar especificidades, nossa intenção é ressaltar um diálogo existente entre as representações, consideradas a um só tempo como fonte e objeto, haja vista a existência de pontos convergentes que permitem traçar mapas de códigos estruturados por representações em diálogos além-mar.

Lembre-se que, nos anos 1920, as revistas eram o meio de comunicação por excelência da época; beneficiadas por redes de distribuição em expansão e pela profissionalização do setor, eram calcadas na conjunção texto-e-imagem com grande destaque a essas últimas (Martins 2008). As revistas chancelavam uma forma de viver alinhada a um projeto capitalista-industrial em expansão em diversas capitais do mundo ocidental; em um mundo velozmente industrializado, com mobilidade acelerada por meios de transporte e de comunicação,

elas atuavam como decodificadoras da modernidade, “traduzindo” a realidade aos leitores enquanto conformavam, elas próprias, aquela mesma realidade. Voltadas a diversos assuntos como moda, literatura, cinema, teatro, sociabilidades e mundanismo, atingiam, na interseção de seu público, uma elite de classe média-alta interessada nas “novidades elegantes” que o “admirável mundo novo” moderno poderia oferecer.

Na primeira página, observava-se o destaque a temas que, aliados à estética, deveriam conquistar o leitor-consumidor para o assunto e o produto (Trindade & Vaz 2013); a seleção e hierarquização dos assuntos abordados obedeciam ao julgamento do que seus editores entendessem como desejo dos leitores, conjugando noções de importância aliada ao caráter de “novidade”. Entre os vários focos de interesse daquele momento, as praias se afirmavam como verdadeiro assunto que merecia destaque na página principal durante os meses de verão.

Buscamos observar de que modo as praias figuravam nas capas das revistas? Quais os usos e códigos a elas atribuídos? Que agentes são incluídos nas representações praianas; seus comportamentos, desejos, parâmetros morais? Quais as atividades retratadas? Que relações podemos estabelecer entre percepções de espaço e corpo? Quais as sensibilidades relacionadas à praia?

As representações de mídia impressa ajudavam a moldar referenciais identitários acoplados a determinados espaços, promovendo certos valores e modos de vida que despertavam aspirações ligadas àqueles locais específicos. A oferta florescente de imagens e códigos estabelecidos para a fruição do litoral, perpetrados por aqueles veículos, permite vislumbrar a existência de uma rede cultural transnacional que incensava o estabelecimento de relações com as praias sob uma chave de consumo e hedonismo, em direção à constituição de mercados de massa que glorificavam a satisfação individual.

Praias em Revista

A difusão das praias como locais de consumo e lazer nos anos 1920 pôde contar com produtos culturais que atestavam aquela forma de fruição e amplificavam sua instituição. Nas obras de Scott Fitzgerald, Virginia Woolf e tantos outros expoentes literários do período, bem como nos editoriais jornalísticos, a praia emergia como local de socialização moderno e desejável. Mas as representações das praias não se limitavam à produção textual; a esfera visual, cada vez mais inserida na vida cotidiana, estampava ao público modos e modas praianos, participando da construção de um imaginário social relativo à interação com o litoral.

Se nos anos 1910 a praia pontificava em capas de revistas francesas e americanas, na década seguinte houve uma notória expansão da oferta imagética do tema, perceptível nos cinemas e nas bancas; as faixas litorâneas eram cada vez mais retratadas, disponibilizando ao público padrões de comportamento associados àqueles espaços. A imagem fotográfica em preto e branco era constante dos filmes e dos editoriais das revistas ilustradas, com cenas captadas nas praias, acrescidas de legendas e textos descritivos sobre “seus encantos”.

Mas nas capas daquelas publicações, as imagens impressas, em sua grande maioria, não eram fotográficas; elas contavam com o traço e o talento dos artistas colaboradores — ilustradores, caricaturistas — que decalcavam suas interpretações do ritual praiano em composições plenas de cores que ocupavam a página inteira e se tornavam “outdoors” daqueles novos hábitos.

Fica evidente um novo tratamento dispensado ao ambiente marítimo naquelas representações, bastante diverso das encontradas em obras de arte dos séculos anteriores. As antigas paisagens idílicas de natureza intocável; figuras de oceanos indomáveis; ou representações pictóricas de locais considerados primitivos, povoado por pescadores — são substituídas por criações gráficas onde a faixa litorânea é cenário de um novo teatro social, com a reorganização das práticas com o objetivo de usufruir o prazer da beira-mar. Todas as capas levantadas na pesquisa de campo incluíam atores partícipes daquele ambiente, em contato direto com a areia e o mar; as praias figuram como palco para a interferência humana no espaço, seus agentes como atores principais de um espetáculo inédito.

Visando a delinear sensibilidades concernentes àquelas geografias, sob perspectiva transnacional, optamos por aglutinar as representações analisadas em subgrupos, recortados em função das atividades e das práticas sociais que apresentavam. Não se pode afirmar que aquelas prerrogativas de usufruto da beira-mar estariam à disposição de todos; a frequência às praias era atravessada por divisões classistas e racistas, sem escapar à fragmentação e hierarquização que caracterizavam, em graus distintos, grande parte da sociedade ocidental. O ritual inicialmente glorificado pela aristocracia europeia como um “proceder civilizado” ampliava suas reverberações e seu poder de alcance, mas estava sujeito à estratificação social e às possibilidades de cada um de seus grupos.

O hábito de ir à praia, por si só, não fora capaz de transpor clivagens sociais que acentuavam desigualdades; os novos costumes litorâneos, por outro lado, demonstravam potencial para influenciar suas conformações. Nesse aspecto, há que se destacar as relações de gênero como um dos campos fortemente imbricados aos novos usos da praia nos anos 1920.

De fato, provavelmente a mudança mais profunda verificada nos chamados “anos vertiginosos”, foi aquela ocorrida no relacionamento entre homens e mulheres, com indicativos da grande ansiedade manifestada pelos homens, face à insegurança de suas posições (Bloom 2008). Após séculos de recato, a experimentação pela mulher, de novas formas de ocupação da cidade, de rituais de sociabilidade, de maneiras de se confrontar com o próprio corpo e de se relacionar com o gênero masculino sublinhavam tensões entre o patriarcalismo consolidado e as iniciativas de emancipação e afirmação da vontade própria.

Na maior parte do mundo ocidental, ocorreu uma verdadeira reorganização das dinâmicas sexuais e sociais que alteraram a vida diária de mulheres e homens, com inúmeras mutações verificadas no sistema de atitudes, crenças, costumes e gostos que engendravam constituições identitárias. A conformação vitoriana de papéis sociais vivia seu ocaso, face a um processo incensado pelo racionalismo, a psicanálise, o consumo, a produção em massa e um incremento das atividades que “tiravam a mulher de casa”; tendências aceleradas pela Grande Guerra e os deslocamentos na ordem econômica e social por ela provocados.

A onipresença feminina verificada nas revistas ilustradas da época não foge às praias; é possível afirmar que na maior parte das representações são elas que figuram naquele espaço, sob inúmeras formas. O comparecimento significativo das mulheres nas imagens impressas nas revistas ilustradas, contudo, não significava uma equidade de gênero entre seus colaboradores; a grande maioria dos editores e ilustradores eram homens, com pouca participação feminina na elaboração daqueles veículos. A grande maioria das ilustrações estampadas nas capas aqui selecionadas não foge a essa regra, à exceção das criações de Ruth Eastman e Anne Harriet Fish, em alguns exemplares de *Judge* e *Vanity Fair*, respectivamente.

Nas capas, a faixa litorânea se insurge como local de exibição de jovens senhoras e moças; a areia, como pedestal de poses que parecem cuidadosamente calculadas.

A indumentária reforça a noção de um “novo tempo” de utilização das praias propalado naquela década: ao invés dos costumes de banho escuros, frouxos e pesados, que visavam ocultar o corpo — típicos do século XIX e da virada dos XX —, percebe-se a utilização de maiôs¹. A despeito de tentativas

1 Na fig. 2, ao invés do maiô, observa-se a adoção de um vestido curto, típico da moda-praia dos anos 1910. Beira-Mar, n.º 80, 21 de março, 1926.



1 ABC, agosto 1921.



2 La Vie Parisienne, 4 de junho 6, 1921.



3 Fon-Fon, 4 de abril, 1925.



4 Para Todos, 29 de janeiro, 1927.



5 Revista da Semana,
7 de dezembro, 1929.



6 O Cruzeiro, dezembro 1928.

moralistas de controle e proibição, a exibição corporal passava a fazer parte dos princípios básicos de civilização e modernidade; o maiô, além de facilitar a movimentação, se afirmava como o traje balneário por excelência (Lencek & Bosker 1989; O'Donnell 2013).

No conjunto anterior (figs. 1 a 6), a mulher é retratada de forma semelhante, sentada na areia, com gestual estudado. As pernas dobradas sinalizam decoro, assim como a sombrinha, que cumpre uma função de proteger do sol, enquanto aciona um jogo de mostrar e esconder. O historiador John K. Walton enumera momentos particulares na relação entre as mulheres e as praias; enquanto no século XIX elas esperariam que ninguém estivesse olhando, no início do século XX, esperariam que todos estivessem olhando (Walton 2007, 6). O incremento da fotografia na década de 1920, com máquinas Kodak anunciadas nas próprias revistas que decalcavam as cenas praianas, contribuía para o voyeurismo e os instantâneos de seus personagens (Aquino 2016).

Nessas capas, a mulher aparece de forma estática, como se fosse uma espécie de “estátua divinal” apoiada à beira-mar, provável alvo do vislumbre masculino. A exibição praiana, planejada, seria inclusive “ensaiada” em casa, à beira da banheira, conforme as capas de *La Vie Parisienne* e a caricatura de *Punch* (figs. 7 a 9), onde se lê: “Before the holidays: a full-dress rehearsal”.



7 *La Vie Parisienne*, 26 de junho, 1920.



8 *Punch*, junho 1921.



9 *La Vie Parisienne*, 4 de agosto, 1923.

São inúmeras as interpretações possíveis dessa forma de decalcar a presença feminina nas praias; à primeira vista, as capas reforçariam tendências machistas que objetificam a mulher, com a sexualização de seus corpos cada vez mais à mostra, dispostos para o deleite dos homens. Sob outro prisma, podemos pensar também na agência potente das mulheres que frequentavam as praias como um símbolo de sua busca por desprendimento, uma ânsia por práticas inovadoras, que incluíam o domínio do próprio corpo e a afirmação de sua personalidade através da moda que adotavam.

O vestuário praiano delas, que poderia incluir sapatilhas e toucas próprias para banho, também englobava um outro item pouco mencionado na historiografia de moda-praia ocidental: a capa de praia, confeccionada geralmente em felpo, alpaca ou cetim². Assim como a sombrinha, as capas também serviam ao desnudamento ou ao encobrimento parcial do corpo, como um anteparo à visão alheia e aos raios do sol. O acessório incrementava o rol do conjunto, em combinações múltiplas que serviam à expressão da individualidade de suas usuárias.

As capas esvoaçantes de tecido também pareciam estimular uma série de movimentos e coreografias gestuais de mulheres que, na interação com aquela peça de roupa, emergem menos estáticas nas representações, por vezes indo ou vindo na direção do mar (**figs. 10 a 20**). É de se notar que, especificamente na capa da revista americana *Vogue* (**fig. 18**), a personagem olha, com gosto, para o sol, que parece dividir com ela o protagonismo da cena. O que remete a novas definições corporais em elaboração naquele momento, com a valorização da pele bronzeada e dos benefícios proporcionados por exercícios ao ar livre (Corbin 1989, 99; Ritchie 2021, 170).

O corpo, passível de transformação e modelação, seria instrumento de estratégias simbólicas de diferenciação historicamente mediadas; os novos parâmetros obedeciam aos referenciais de civilidade, modernidade e higiene difundidos por classes dominantes, com a alteração de discursos sobre a praia e os padrões estéticos desejáveis aos banhistas.

O banho de mar recatado, de curta duração, recomendado para efeitos de saúde e higiene, típico do século XIX, passa a ser substituído por interações mais intensas com a água — e com o ar —, conforme os novos códigos praiais. Nas capas das revistas, as mulheres emergem em atividades aquáticas esportivas; se lançam no espaço em movimentos que antecedem o mergulho,

2 Informações constantes de anúncio do magazine carioca Parc Royal na Revista da Semana, n.º 9, fevereiro de 1921.



10 *ABC*, julho 1926.



11 *The Tatler*, junho 1927.



12 *The Bystander*, junho 1924.



13 *Vanity Fair*, agosto 1925.



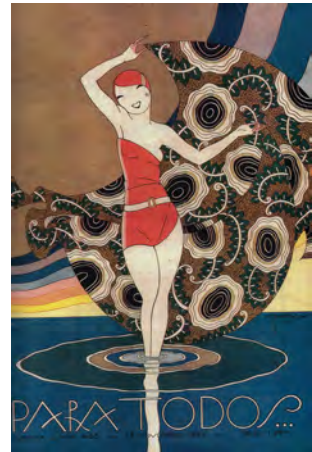
14 *The Bystander*, junho 1920.



15 *La Vie Parisienne*, 17 de julho, 1926.



16 *Social*, agosto 1920.



17 *Para Todos*, novembro 1927.



18 *Vogue*, julho 1922.



19 *La Vie Parisienne*,
3 de setembro, 1927.



20 *Judge*, 20 de junho, 1925.

enquanto usufruem de deques e trampolins para sua exteriorização atlética. A rápida imersão de outrora cede a vez para mergulhos destemidos, de maior alcance, defronte possíveis plateias.

A fim de demarcar a mudança paradigmática dos usos associados ao litoral ocorrida no início do século XX, a socióloga Helena Cristina F. Machado trabalhou com as categorias de “praia lúdica”, emergente em seus primeiros decênios, em diferenciação à “praia terapêutica” que caracterizou o centenário anterior (Machado 2000). As transformações na estruturação dos códigos de apreciação da natureza marítima próprios da “praia lúdica” implicavam em ampliação dos horários de utilização das praias e do tempo de permanência: “chega-se mais tarde à praia, permanece-se mais tempo e desenvolvem-se outras atividades além do banho de mar. A praia é cada vez mais entendida como um espaço de convívio, de alegria, de lazer” (Machado 2000, 213).

A dimensão de satisfação vinculada às atividades marítimas é explicitamente enunciada, por exemplo, na capa de *Judge* (fig. 21), sob a legenda “Pleasure Bent” (a curva do prazer); e a ideia de liberdade, sugerida na equiparação da mulher mergulhadora às aves voadoras, vide o cisne na capa da *Life* (fig. 24) e a gaivota que dá o título “La Mouette” à capa de *La Vie Parisienne* (fig. 23). O júbilo proporcionado por tais práticas poderia ser vivenciado tanto pelos que mergulhavam como por aqueles que espiavam a cena (figs. 21 a 30). Em outra capa da *Life* (fig. 30), sob a legenda “A quick loop before she leaps” (uma olhada rápida antes que ela mergulhe), o trampolim aparece como alicerce para uma atração machista, haja vista os homens que ficam à espreita, na água, para apreciar, de perto, o corpo das mulheres mergulhadoras.



21 Judge, 1 de setembro, 1928.



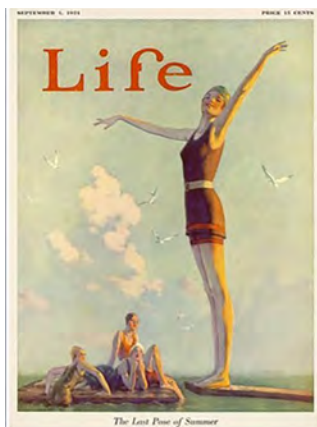
22 Vanity Fair, julho 1921.



23 La Vie Parisienne, 14 de julho, 1923.



24 Life, 4 de agosto, 1921.



25 Life, 4 de setembro, 1924.



26 La Vie Parisienne, 29 de julho, 1922.



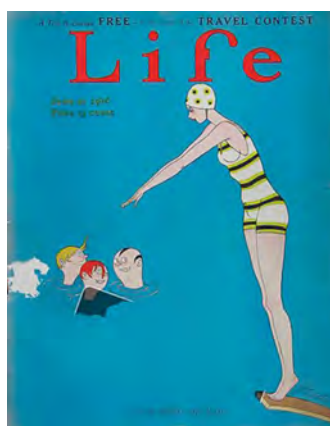
27 *Ilustração Portuguesa*, setembro 1927.



28 *La Vie Parisienne*, 3 de julho, 1926.



29 *ABC*, outubro 1923.



30 *Life*, 10 de junho, 1926.

A prática de esportes por homens e mulheres não se restringia às incursões aquáticas; nota-se em várias representações a valorização de jogos com bola; a fruição de ações recreativas ensejaria mais descontração, mobilidade e interação social, enquanto promovia o vigor muscular de acordo com os padrões em voga para educação dos corpos.



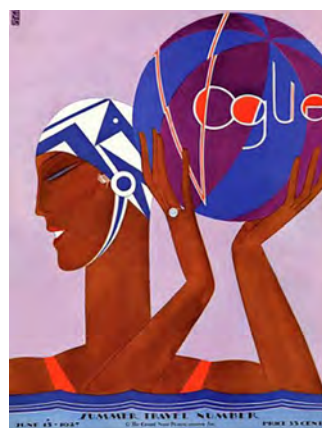
31 *The Bystander*, junho 1929.



32 *Judge*, 27 de setembro, 1924.



33 *Revista da Semana*, 15 de dezembro, 1928.



34 *Vogue*, junho 1927.



35 *The Bystander*, junho 1927.



36 *Bohemia*, julho 1928.

A dimensão lúdica da praia é evidenciada também em representações que detalhavam formas de interação aquática para além do mergulho inicial propalado por deques e trampolins. Nas capas que retratavam mulheres em pleno entrosamento oceânico, o mar aparece como um parque de diversões para estilos de nado diverso (de frente, de costas), a exploração das profundezas e seus seres exóticos — em possíveis metáforas para o desejo —, a utilização de brinquedos aquáticos flutuantes e o prazer proporcionado pela movimentação das ondas. O prazer se insurge, também, a partir das formas sensualizadas com as quais os capistas deram contorno às mulheres na água; enquanto parecem gozar do deleite proporcionado pelo mar, elas conclamam o espectador para compartilhar daquele enlevo, ora com a mão que chama para o mergulho, ora em poses arqueadas, ora com algo entre as pernas, ou as próprias pernas entreabertas. A relação da mulher com o mar invoca a relação com sua própria sexualidade; o temor, a reverência e o medo do desconhecido, antes creditados aos oceanos, são substituídos por modos de interação mais à vontade, onde são elas que fazem uso da água, sem cerimônia, para sua satisfação.



37 *Le Sourire*, 20 de junho, 1929.



38 *Revista da Semana*, 27 de novembro, 1926.



39 Liberty, julho 1927.



40 ParaTodos, 14 de janeiro, 1928.



41 Judge, 23 de junho, 1928.



42 Revista da Semana, 30 de janeiro, 1926.



43 Vanity Fair, fevereiro 1924.



44 La Vie Parisienne, 13 de agosto, 1921.

Muitos autores que se debruçaram sobre a construção social das praias destacam o aspecto de liberação das normas cotidianas que seria inerente àqueles espaços (Pritchard & Morgan 2010; Cross & Walton 2005; Shields 1991). Longe das rotinas e disciplinas urbanas, as praias ensejariam a transgressão de comportamentos, como um lugar limiar entre a ordem e sua subversão. À medida que se afirmavam como local de lazer e consumo, as praias irradiavam focos de tensão entre forças tradicionais, que percebiam naquela forma de fruição uma ameaça às instituições, e os arautos das novas práticas; em diversos países, houve tentativas de normatizar o modo de utilização das praias, com regras para a vestimenta, os horários e as condutas (O'Donnell 2013; Ritchie 2021).

Nas representações, dentre um conjunto de experimentações atribuídas às praias, são incluídos encontros amorosos entre homens e mulheres, que aproveitariam a suposta permissividade associadas ao litoral como oportunidade para o flerte.

A esfera libidinosa atribuída às praias é descortinada nas capas que retratam casais que se tocam, beijam, abraçam, flertam abertamente; inclusive com o auxílio de um cigarro (**fig. 45**), um item que, naquele período, era revestido de invocações simbólicas da busca de equidade de direitos pela mulher (Gorberg 2020). Chamam atenção também as representações dos homens como faunos (**figs. 49 e 50**), personagem da mitologia grega metade-homem, metade-animal, cuja figuração remete à travessura, à diversão (Kury 2008).



45 *Vanity Fair*, agosto 1926.



46 *Judge*, 9 de agosto, 1924.

47 *Life*, 28 de julho, 1927.48 *Judge*, 6 de setembro, 1924.49 *Le Sourire*, 4 de julho, 1929.50 *ABC*, agosto 1923.

Conclusão

O exame de algumas representações perpetradas há um século por meios periódicos de comunicação se afigura uma lente singular para divisar aspectos da valorização e utilização do litoral como espaço de socialização e fruição humana. A observação das capas de revistas ilustradas dos anos 1920 que possuíam o litoral como tema é capaz de acrescentar novos matizes ao processo de construção social das praias, enquanto descortina a influência da cultura visual na sua elaboração. O ponto de vista transnacional, para mais, permite

entrever diálogos entre impressos transatlânticos, mediadores culturais no circuito europeu e americano.

É possível mapear imagens intersubjetivas dos espaços praias, imbuídas de conteúdo emocional e simbólico, mediadas pelas revistas como agentes de transferências culturais, portadoras de elementos discursivos que concorreram para práticas e ações que culminaram em associações duradouras de certos locais com atividades estabelecidas. O que as capas das revistas permitem descortinar é a difusão de padrões de estilo, hábitos sociais e códigos de vilegiatura que, a seu turno, determinaram caminhos para a dinâmica espacial, numa sintonia entre processos de subjetivação e a lógica de produção do espaço em regiões litorâneas e sua organização.

Uma série de elementos estampadas nas capas de revistas vão ao encontro da historiografia das praias: a mudança paradigmática de utilização terapêutica para utilização de lazer; as transformações indumentárias com a adoção de maiôs e maior exposição do corpo; a mudança de padrões corporais com a valorização da pele bronzeada e do vigor esportivo; a consideração das praias como local de socialização e experimentação de práticas inovadoras e ousadas.

Chama atenção a onipresença da mulher no conjunto observado, em figuras elaboradas por homens, em sua maioria. O que provoca reflexões sobre as imbricações das vivências litorâneas nas dinâmicas de gênero e nas tensões vivenciadas entre esferas tradicionais patriarcais e indivíduos que buscavam maior liberdade e afirmação da personalidade. Afinal, as práticas relacionadas às praias não escapavam às divisões sociais estabelecidas em função de gênero, classe, etnia, idade, religião, entre outros demarcadores hierarquizantes. Contudo, é possível que os comportamentos relacionados às praias verificados nos anos 1920 tenham exercido considerável impacto nas relações entre homens e mulheres, com influência em um longo processo na busca por igualdade de direitos.

Sem nos circunscrever a concepções de fronteiras estáticas, tentamos vislumbrar tendências presentes no universo da cultura midiática, na intenção de evidenciar a construção de um imaginário praiano que extrapolava limites nacionais. Os desafios ambientais contemporâneos exigem, cada vez mais, coesão social e cooperação global; o conhecimento de processos de circulação de ideias através do Atlântico que conformaram a lógica de utilização das praias pode, quiçá, contribuir nessa direção.

Fontes

ABC, agosto 1921, agosto 1923, julho 1926, outubro 1923.
Bohemia, julho 1928.
Fon-Fon, 4 de abril, 1925
Ilustração Portuguesa, setembro 1927.
Judge, 9 de agosto, 1924; 1 de setembro, 1928; 6 de setembro, 1924; 20 de junho, 1925; 23 de junho, 1928; 27 de setembro, 1924.
La Vie Parisienne, 29 de julho, 1920; 4 de junho, 1921; 14 de julho, 1923; 4 de agosto, 1923; 13 de agosto, 1923; 3 de julho, 1926; 17 de julho, 1926; 3 de setembro, 1927.
Le Sourire, 20 de junho, 1929; 4 de julho, 1929.
Liberty, julho 1927.
Life, 4 de agosto, 1921; 4 de setembro, 1924; 10 de junho, 1926; 28 de julho, 1927.
O Cruzeiro, dezembro 1928.
Para Todos, 29 de janeiro, 1927; novembro 1927; 14 de janeiro, 1928.
Punch, junho 1921.
Revista da Semana, 30 de janeiro, 1926; 27 de novembro, 1926; 15 de dezembro, 1928; 7 de dezembro, 1929.
Social, agosto 1920.
The Bystander, junho 1920, junho 1924, junho 1927, junho 1929.
The Tatler, junho 1927.
Vanity Fair, julho 1921, fevereiro 1924, agosto 1925, agosto 1926.
Vogue, junho 1922, junho 1927.

Bibliografia

AQUINO, Livia. 2016. *Picture Ahead: a Kodak e a construção do turista-fotógrafo*. São Paulo: Ed. do Autor.
 BLOOM, Philip. 2008. *Os anos vertiginosos: mudança e cultura no Ocidente (1900-1914)*. Rio de Janeiro: Record.
 CORBIN, Alain. 1989. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras.
 DROWENE, Kathleen, & Patrick Huber. 2004. *The 1920s: American popular culture through history*. Westport, CT: Greenwood Publishing.
 GORBERG, Marissa. 2020. "A mulher e o cigarro: representações de feminilidade nos anos 1920". *Revista d'Obra[s]* 14 (29).
 KURY, Mário da Gama. 2008. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Zahar.
 LEFEBVRE, Henri. 1974. "La Producción del Spacio". *Papers Revista de Sociologia* 2 (3): 219-229.

- LUCA, Tania Regina de. 2018. *A ilustração (1884-1892): Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. Unesp.
- MACHADO, Helena Cristina Ferreira. 2000. "A Construção Social da Praia". *Cadernos do Noroeste, Série Sociologia* 13 (1): 201-218.
- MARTINS, Ana Luiza. 2008. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Fapesp.
- O'DONNELL, Julia. 2013. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RITCHIE, Robert C. 2021. *The Lure of The Beach: a Global History*. Oakland: University of California Press.
- ROSENBERG, Emily S. 2012. *Transnational Currents in a Shrinking World (1870-1945)*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press.
- TRINDADE, Vanessa, & Paulo Vaz. 2013 *Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz*. Porto Alegre: Penso.
- WALTON, John K. 2007. "Beaches, Bathing and Beauty: Health and Bodily Exposure at the British Seaside from the 18th to the 20th century". *Révue Française de Civilisation Britannique* 14 (2): 117-134.
- WALTON, John K. 2007. 1983. *The English seaside resort: a social history (1750-1914)*. Leicester [Leicestershire]: Leicester University Press.